

Otimismo faz dólar cair para R\$1,79

Corte nos juros anima as bolsas. Bovespa fecha com alta de 4,87%. Títulos da dívida brasileira têm valorização de 1,5%

A queda dos juros de 45% para 42% ao ano, e o sucesso das primeiras captações de empresas brasileiras no exterior desde o início da crise, viraram o mercado financeiro a favor do real. O dólar caiu ontem 3% e fechou os últimos negócios do dia a R\$ 1,79, cotação que não era alcançada há mais de 50 dias. Desde o último dia 3, quando a moeda americana atingiu o pico de R\$ 2,15 no fechamento, o real já acumula uma valorização de 20%.

A repatriação do dinheiro que era mantido no exterior por investidores brasileiros, que está entrando especialmente para aplicações em títulos públicos corrigidos pelo dólar, continua puxando o mercado para cima, mas dessa vez foi acompanhada também pelo ingresso de capitais de

bancos de investimento americano. O perfil desses investimentos, os primeiros a chegarem no Brasil após a crise, é de curto prazo, como ocorreu no ano passado após a crise da Ásia.

O Banco do Brasil (BB) e o próprio Banco Central (BC) chegaram a comprar dólares no mercado, mas não o suficiente para deter a queda da cotação. Esse dinheiro ajudou ontem o BC e o Tesouro Nacional a encontrarem compradores para praticamente todos os lotes de títulos oferecidos nos leilões do dia. O BC vendeu US\$ 400 milhões em títulos corrigidos pelo dólar (NBCEs) e o Tesouro fez um leilão de R\$ 4,5 bilhões em títulos pós-fixados, mas só vendeu R\$ 4,117 bilhões.

“O câmbio em queda ajuda a derubar a inflação, o que dá espaço para

redução nos juros e provoca alta nas bolsas”, diz o diretor de uma grande administradora europeia de recursos.

O apetite dos investidores por papéis brasileiros fez com que Bradesco e Citibank elevassem o valor de suas emissões. A demanda pelos eu-robonus do Bradesco — oferecidos a 11,75% — chegou a US\$ 190 milhões nas ofertas feitas na Europa, Estados Unidos e outros países. A intenção inicial era vender US\$ 100 milhões. A decisão final sobre o valor pode ser anunciada hoje, mas deverá ficar em US\$ 175 milhões.

O Citibank também aumentou o valor previsto para sua emissão, vendendo US\$ 100 milhões, ante estimativa inicial de US\$ 75 milhões. O banco vai pagar 11,5%, com vencimento em seis meses. Segundo o diretor de captação do Citibank, Alfred Dangoor, o mercado internacional está se mostrando receptivo para outras emissões, o que deverá possibilitar o alongamento dos prazos.

O corte na taxa de juros foi uma injeção de ânimo nas bolsas. A Bolsa

de Valores de São Paulo (Bovespa) subiu 4,87%. O mercado comemorava sinais mais fortes pela volta do capital estrangeiro. O volume de negócios na Bovespa melhorou em relação à média dos últimos dias, fechando em R\$ 798 milhões, sendo que a Bolsa do Rio subiu 4,15%.

MERCADO

A corretora Merrill Lynch, de Nova York, distribuiu nota aos investidores internacionais, informando que decidira nomear o Brasil como o seu mercado preferencial para investimentos no segundo trimestre deste ano. “Logo no início de março passamos a ter uma visão positiva do mercado brasileiro e advertimos que faltavam alguns elementos fundamentais para que colocássemos o país numa posição de destaque”, destaca o comunicado assinado por Eduardo Cabrera, estrategista-chefe da corretora para a América Latina.

No exterior, os títulos da dívida externa brasileira também tiveram bom desempenho. Os C-Bonds — princi-

pios papéis da dívida — valorizaram 1,5%, com as ações da Petrobras se destacando no pregão. As ações da LightPar poderão voltar ao pregão hoje se a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) divulgar o relatório sobre a alta exagerada do papel em março.

No mercado, circula a informação de que a maior parte da receita com o novo negócio de transmissão de dados ficará com a Eletrobrás, que pagará apenas um aluguel à LightPar pelo serviço. O superintendente-geral da Bovespa, Gilberto Mifano, disse que a bolsa não encontrou irregularidades nos negócios com a LightPar e a volta dos papéis da empresa aos pregões só depende de decisão da CVM.

Na Europa e Estados Unidos, mercado financeiro operou em alta ontem, inclusive no leste europeu, depois dos ataques da OTAN a posições sérvias na Iugoslávia. O índice Euro Stoxx 50, que reflete o movimento nas praças da zona euro, finalizou com um lucro de 1,56%.

Frankfurt, normalmente sensível

aos acontecimentos no leste da Europa, teve um lucro de 1,39%, enquanto a perspectiva dos ataques em Kosovo fazia a bolsa alemã retroceder nos três primeiros dias da semana. Zurique registrou uma alta de 1,92%; Londres, de 1,14%; Amsterdã, de 1,57%; Milão, de 1,50% e Madri, de 1,52%. Istambul fechou em alta de 4,5%. A nota negativa foi dada pela Bolsa de Atenas, que perdeu 4,57%.

Na Europa do Leste, as Bolsas fecharam em alta: Varsóvia ganhou 2,5% depois de perder 5% na véspera. Praga ganhou 1,9%, Sofia, 0,86%. Budapest (que acaba de aderir à OTAN) teve um lucro de 3%. “Se o conflito se ampliar, os investidores poderão se retirar”, destacou no entanto Marek Zywicki, consultor do Banco Wielkopolski (WBK, grupo irlandês AIB), em Varsóvia.

Depois de registrar certo pânico quarta-feira, a Bolsa de Moscou registrou uma alta de 4,97% ante o otimismo despertado por um eventual acordo entre a Rússia e o FMI sobre o programa de reformas.